

# RESENHA

*Arumi*

Maria Lúcia C. V. O. Andrade

# RESENHA

*Paulistana*

~ Editora ~

São Paulo 2006

Copyright © 2006 by Maria Lúcia C.V.O. Andrade

Editora responsável

Adélia M. Mariano Ferreira

Capa e diagramação

Alpha Design || 5585-9709

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Maria Lúcia C. V. O.

Resenha / Maria Lúcia C.V.O. Andrade. – São Paulo : Paulistana, 2006. – (Coleção aprenda a fazer)

Bibliografia.

ISBN 85-99829-05-X

1. Elaboração de resenhas - Técnicas I. Título.  
II. Série.

06-4271

CDD-808.066

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Resenhas : Técnicas : Retórica 808.066

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo eletrônico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita da Editora.

Todos os direitos desta edição reservados à

**Paulistana**

~ Editora ~

Editora Paulistana Ltda.

[2006]

## Apresentação da Coleção

A *Coleção Aprenda a Fazer* foi criada por professores universitários com intuito de dirimir dificuldades encontradas pelos alunos de graduação quando solicitados a produzir textos científicos e/ou acadêmicos, tais como: resumos, resenhas, fichamentos, relatórios, projetos de pesquisa e monografias. Tais gêneros textuais são instrumentos muito utilizados na pesquisa acadêmica e, portanto, são essenciais para o bom desempenho intelectual do estudante na vida universitária.

A necessidade de orientação sistematizada e simplificada desses gêneros textuais foi detectada pelos professores e levou-os a produzir este material didático pautado na objetividade e nas questões práticas de elaboração de textos científicos, considerando-se também a realidade sócio-econômica dos alunos e a dificuldade na aquisição de obras acadêmicas.

Dessa forma, esperamos que a *Coleção Aprenda a Fazer* seja uma ferramenta útil para todos aqueles que buscam um aprendizado efetivo no mundo universitário.

Boa leitura e boa prática!

A Editora

## Apresentação deste Volume

A *resenha* é talvez o gênero textual mais solicitado nas atividades acadêmicas e também nas relacionadas a algumas profissões, como jornalismo, teatro, cinema, música, literatura. Por ser amplamente utilizado, é também denominado - algumas vezes - por outras designações: *recensão*, *resenha crítica*, exigindo que os textos a ele pertencentes contenham as informações básicas sobre o conteúdo e também sobre o contexto situacional, sua organização global, sua relação com outros textos, e que proporcionem ao leitor os comentários do resenhista não apenas sobre o tema, mas também sobre todos esses outros aspectos da obra sob análise.

De modo geral, o livro foi elaborado com o intuito de abordar os principais pontos a serem observados em uma resenha, oferecendo subsídios para que o leitor que se interesse por conhecer o assunto possa avaliar as resenhas que lê freqüentemente, bem como tenha condições de fazer as suas próprias resenhas com êxito.

Encerrando o volume, apresentamos uma bibliografia mínima sobre resenha, como sugestão para que o leitor possa aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto abordado.

A Autora

## Sumário

1 O QUE É RESENHA .....	11
2 AS RESENHAS EM DIFERENTES GÊNEROS MIDIÁTICOS E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....	15
3 COMO SE FAZ UMA RESENHA ACADÊMICA .....	23
4 MARCAS DE SUBJETIVIDADE DO ENUNCIADOR.....	33
5 A POLIFONIA TEXTUAL .....	35
6 A COMPREENSÃO GLOBAL DO TEXTO A SER RESENHADO .....	43
7 FAÇA SUA RESENHA .....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	49

# 1 O QUE É RESENHA

RESENHA É UMA síntese seguida de comentário sobre obra publicada, geralmente feita para revistas especializadas das diversas áreas da ciência, arte e filosofia. As resenhas desempenham papel fundamental para qualquer estudante ou especialista, pois é por meio delas que tomamos conhecimento de um livro que acaba de ser publicado, e a partir dessa informação podemos decidir pela leitura ou não da referida obra.

As resenhas permitem que o estudante ou o pesquisador faça uma seleção bibliográfica quando da leitura de fundamentação teórica para a elaboração de um trabalho científico. São também importantes para a atualização bibliográfica do estudante e devem fazer parte do arquivo de documentação bibliográfica ou geral da área de especialização do estudante ou do profissional.

Vejamos um exemplo de resenha publicada na revista *Linha d'Água*, que tem como proposta promover debates sobre o ensino de língua e literatura, direcionada a professores do

ensino fundamental e médio e a estudantes de Letras que buscam o próprio aperfeiçoamento.

### O teatro de Oswald de Andrade – Ideologia, Intertextualidade e Escritura

Elisa Guimarães (USP e UPMackenzie)

CURY, José João. *O teatro de Oswald de Andrade – Ideologia, intertextualidade e escritura*. São Paulo: Annablume, 2003.

É um lugar comum dizer-se que toda obra de arte pode ser interpretada segundo perspectivas diferentes, nenhuma das quais completa, embora muitas sejam válidas. Nesse exercício de interpretação, corre-se o risco de prestar tributo à limitação de uma perspectiva e acaba-se por falsear a obra.

No entanto, há recortes que, se sabiamente apreendidos, passam a funcionar como sínteses perfeitas da essência da obra em análise.

É o que o leitor pode inferir quando da leitura de *O teatro de Oswald de Andrade – ideologia, intertextualidade e escritura* de José João Cury.

Entre a didática do professor e a visão percuciente do pesquisador, desdobram-se considerações sobre o escritor Oswald de Andrade tomando posição perante o seu tempo, dirigindo-se a seus contemporâneos, assumindo sua responsabilidade de militante na sociedade. Analisa-se o dramaturgo que transcende as condições que o circundam e afirma sua liberdade numa literatura comprometida.

Munido de sólido instrumental teórico e respaldado na intertextualidade de três peças oswaldianas – *O rei da vela*, *O homem e o cavalo*, *A morta* – José João Cury explora a construção do texto dramático que ele vê como “uma produção de ideologismos”, integrando-se os dados que o constituem num encadeamento de natureza social, cultural, histórica e filosófica.

Processo relacional e mimético por excelência, a intertextualidade oferece margem para a exploração dos diversos procedimentos configuradores da intersecção dos textos. Assim, por exemplo, a peça *O rei da vela* é analisada à luz de uma relação

intertextual com o discurso marxista, enquanto *A morta* identifica-se como um “discurso apocalíptico, destruidor da cultura burguesa”.

O autor-professor, testemunhando seu convívio com a boa didática, define e exemplifica com extrema clareza recursos integrados à rede intertextual, tais como carnavalização, menipéia, paródia, estilização, paráfrase. Recolhe das três peças em pauta passagens magistralmente elucidativas dos princípios teóricos que lhe servem de embasamento. Aponta Oswald de Andrade como escritor “vigoroso e virulento”, inspirado em autores da estirpe de Marx, Engel, Lênin, Stalin, Trotsky. Remove, assim, da obra oswaldiana, a cortina discursiva que tolda os vários estratos das três peças em estudo: desaloja o processo ficcional e preenche o claro com a percepção da consciência civil do dramaturgo. Desvenda-lhe a ideologia ou as muitas tendências estruturantes das peças – surrealismo, anarquismo, marxismo, futurismo, dadaísmo, cubismo etc.

Vigora, pois, como bem demonstra o autor, o aspecto ideológico na trajetória dramatúrgica de Oswald de Andrade.

Buscando, por intertextos, uma unidade na diversidade das propostas do autor, a fim de identificar as ideologias, José João Cury manipula, com justeza e competência, os textos que se intertextualizam como formas de adesão, de complementaridade ou de refutação às idéias veiculadas. Interpreta, por exemplo, a peça *O homem e o cavalo* como negação do tragicômico visível em *O rei da vela*.

Nessa mesma peça, rotulada de “paródia da História Universal”, menciona “revolução” como termo recorrente – esta palavra parecendo fazer parte do vocabulário oswaldiano. Mas não como estigma ou labéu. E sim como título. Certamente, Oswald de Andrade desvanecia-se por ser revolucionário. Experimentava o gosto da ruptura, do protesto e estendia esse gosto à sua maneira de ser e de expressar-se.

Define-se ainda essa mesma postura pela seleção de determinados papéis a serem desempenhados pelas personagens. Assim, no personagem Pinote desenha-se a paródia do intelectual – no dizer de José João Cury, “burguês farsante, representante de uma classe desengajada, neutra”.

A maneira como o autor analista conduz as etapas da análise incita o leitor a perguntar: “Para o escritor, onde acaba a realidade?”

Onde começa a ficção? Talvez realidade e ficção sejam inseparáveis. Certamente, os fatos da realidade são como tijolos – argamassados, transformam-se em parede, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora”.

No rastro ainda dessa imaginação criadora, ergue-se, pelo primor da análise, a figura de Oswald de Andrade cujas peças revelam um partidário apaixonado, um pathos profundamente crítico. São condições que, certamente, permitem a uma obra transcender o momento histórico-geográfico em que nasceu e atingir, por isso, uma eficácia duradoura e uma dimensão universal.

Em estilo perfeitamente a propósito, sem a menor indecisão expressional, manso e liso, de acabamento exato, José João Cury sintetiza, nessa sua análise magistral, os ensinamentos que vem ministrando na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, bem como no Programa de Letras dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é professor.

Outro estimável valor acrescenta-se aos muitos méritos do professor autor: a Apresentação feita pela professora Nanci Fernandes que, em sábias reflexões, explora os recursos múltiplos oferecidos por Oswald de Andrade, ao lado de José João Cury.

(In: *Linha d'Água*, São Paulo: Humanitas, 2005, 17: 181-183)

## 2 AS RESENHAS EM DIFERENTES GÊNEROS MIDIÁTICOS E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

OS JORNAIS DIÁRIOS (*Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, entre outros) e as revistas semanais (*Veja*, *Época*, *Istoé*) contêm seções específicas para apresentar comentários de filmes, peças teatrais, DVDs e CDs que são lançados ou mesmo os que fazem mais sucesso, e também apresentam os livros mais vendidos. Esses textos podem ser considerados resenhas, de acordo com nossa definição, entretanto podem ser publicados com outro nome ou sem nome específico, ou apenas com o nome da referida seção: Livros, Cinema, Crítica, Teatro.

Vejam alguns exemplos:

### CINEMA: Vale o preço da pipoca

*O Plano Perfeito*, de Spike Lee, é um suspense divertido, despretensioso e politicamente incorreto

*O Plano Perfeito*, com estréia prevista para a sexta-feira 24, é o filme mais comercial já feito pelo diretor americano Spike Lee. Tem

elenco estelar (Denzel Washington, Clive Owen, Jodie Foster, Willem Dafoe) e trama de fácil digestão. É, também, o trabalho mais distante daquilo que se considera típico do cineasta: questões de raça e preconceito são secundárias, e a história é, antes de mais nada, ação e entretenimento. Nada disso depõe contra *O Plano Perfeito*. Lee resolveu partir para o *mainstream*. E com competência.

O tema é um clássico do suspense: o assalto a banco. Um bando, liderado por Dalton Russel (Owen), invade uma agência em Nova York e toma funcionários e clientes como reféns. O detetive Frazier (Washington) chega para negociar com os criminosos. Outro personagem é o diretor do banco (Christopher Plummer), preocupado não com os reféns, e sim com um segredo de seu passado, escondido no cofre.

O roteiro segue com avanços e recuos no tempo, oferecendo pistas para desvendar a charada. Lee tem o bom senso de não opor vilões e mocinhos: todos os protagonistas guardam um esqueleto no armário. "Gosto de questionar padrões morais", disse o cineasta em entrevista a *ÉPOCA*. Ainda que secundárias, as piadas sobre raça dão um bem-vindo toque politicamente incorreto: há judeus, negros, hindus e até albaneses. O único deslize de Lee é esticar a história além da conta – um corte de 15 minutos não faria mal ao filme. Ainda assim, *O Plano Perfeito* vale o preço da pipoca.

(Beatriz Velloso, Revista *Época*,<sup>1</sup> 20 mar. 2006)

### TEATRO: *Terça Insana*

O show de humor se repete a cada semana com um tema diferente e novas inspirações

A proposta da *Terça Insana*, além de trazer ao público muito humor, é variar os temas do espetáculo a cada mês, abrindo sempre espaço para criações.

Novas cenas e tipos se agregam ao elenco, que é fixo, assim como as personagens principais. O enredo gira em torno da vida urbana de São Paulo e tudo é abordado com uma fina e deliciosa ironia.

<sup>1</sup> © Editora Globo.

Em abril, os convidados são: *Daniel Waren*, ator que desponta como a revelação da nova geração de comediantes. Participou da gravação da 1ª e 2ª séries do Programa *Art Attack*, da Disney na Inglaterra, além de inúmeros comerciais, e *Agnes Zuliani*, formada em Interpretação Teatral pelo Lee Strasberg Theatre Institute em Nova York, indicada ao Prêmio Shell de melhor atriz em 1995 por sua interpretação em *Boa Noite, Mãe*.

A idéia da *Terça Insana* foi da atriz Grace Gianoukas, que dirige o espetáculo. A princípio, o projeto era um espaço de experimentação para que a comédia deixasse a sua mesmice. Assim, buscou-se a irreverência e o despreendimento de formalismos nas atuações. O projeto lançou um DVD com os melhores momentos do grupo.

Ficha Técnica

Direção: Grace Gianoukas.

Elenco: Grace Gianoukas, Ilana Kaplan, Octávio Mendes e Roberto Camargo. Este mês, os convidados são Marcelo Tas e Daniel Waren.

Duração: 90 minutos.

Censura: 14 anos.

(www.guiadasemana.com.br, em 03 maio 2006)

### DVD: *Conflitos Internos*

(Wu Jian Dao, Hong Kong, 2002. Buena Vista)

Por dez anos, um policial atua como agente infiltrado numa gangue da máfia chinesa em Hong Kong. Enquanto isso, um chefe de polícia corrupto faz o oposto: trabalha como espião a serviço dos mafiosos em seu departamento. Quando recebem a missão de perseguir um ao outro, os dois entram em crise de identidade, sem saber ao certo de que lado do conflito estão. Inédito nos cinemas brasileiros, esse thriller foi sucesso de bilheteria na Ásia. A fita tem seqüências de ação e suspense, além de contar com ótimas atuações. No ano que vem, deverá ganhar uma refilmagem do diretor americano Martin Scorsese – Matt Damon e Leonardo DiCaprio foram escalados para os papéis principais.

(Revista *Veja*, 17 ago. 2005)

**DISCO: Tudo o que o Tempo Me Deixou**  
Alaíde Costa (Lua Music)

De voz pequena mas graciosa, a cantora Alaíde Costa participou de movimentos como a bossa nova e o Clube da Esquina. Também fez parcerias com nomes como Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Produzido por Gilson Peranzetta, um dos músicos mais celebrados do meio instrumental nacional, *Tudo o que o Tempo Me Deixou* marca sua volta ao disco, depois de uma ausência de quatro anos. O CD contém canções como *Você É Amor*, feita por Alaíde e Tom Jobim em 1960, e *Meu Sonho*, na qual ela teve Johnny Alf como parceiro. Nas treze faixas restantes, a cantora interpreta músicas de compositores como Dolores Duran (*Solidão*).

(Revista *Veja*, 17 ago. 2005)

**LIVRO: Elementos para a Crítica da Cibercultura,**  
de Francisco Rüdiger (Ed. Hacker, 160 págs.)

Qual é o objeto das ciências da comunicação? As respostas a essa pergunta parecem ter envelhecido subitamente. Falar em objeto pressupõe, evidentemente, um sujeito. O estruturalismo já havia decretado a morte do sujeito; na seqüência, o pós-modernismo pretendeu dissolver a própria realidade. Os estudos recentes sobre a comunicação, herdeiros dessas vertentes, pretendem assegurar sua autonomia diante das ciências sociais: as transformações tecnológicas estariam dando início ao ciberespaço e à figura do ciborgue, produto da fusão entre homem e máquina, vida e tecnologia. A desintegração de sujeito e de objeto ocorre simultaneamente, na visão prospectiva de um mundo inteiramente cibernético, em que restariam apenas "subjetividades flutuantes". Apoiado em vasta bibliografia, o autor apresenta, com erudição e clareza, os contornos do debate contemporâneo entre os comunicólogos. A fascinação pelos novos desafios teóricos e por seus ideólogos convive, em surpreendente tensão, com um referencial crítico apoiado em autores tão diferentes como Martin Heidegger e Theodor Adorno.

(Celso Frederico, *Jornal de Resenhas, Folha de S. Paulo*, 17 out. 2003)

Vejamos agora uma obra literária que foi foco de atenção de duas grandes revistas de circulação nacional na semana de seu lançamento. É interessante observar a opinião de cada um dos resenhistas a respeito do livro, bem como o trecho que cada um seleciona para apresentar ao leitor.

**a) O retrato da ditadura por Milton Hatoum não tem a força de seus romances anteriores**

O amazonense Milton Hatoum é um escritor sem pressa. Estreou em 1989, com *Relato de um Certo Oriente*, e nos dezesseis anos que se seguiram só produziu mais dois romances – *Dois Irmãos*, de 2000, e *Cinzas do Norte* (Companhia das Letras; 312 páginas; 39 reais), que chega às livrarias nesta semana. A longa espera entre um livro e outro talvez revele um escritor seguro, que não quer se dispersar. Mas tem uma contra-indicação: intensifica a expectativa do leitor. Quem se impressionou com o exame acurado de relações sociais e familiares de *Dois Irmãos* esperava que Hatoum, cinco anos depois, conseguisse se superar. Não foi o que aconteceu. *Cinzas do Norte* não chega a ser um mau romance, mas decepciona.

Como nos livros anteriores, a história se passa em Manaus (desta vez, porém, os personagens não são descendentes de libaneses). O romance é narrado por Lavo, um órfão pobre que, criado pela tia costureira, consegue se tornar advogado. Ele conta sua amizade com o artista Raimundo (ou Mundo), filho de Alcília, a sedutora alpinista social que conseguiu um casamento rico mas infeliz com o empresário Trajano (ou Jano). Homem de mentalidade prática e estreira, Jano vive às turras com as ambições artísticas do suposto filho (a dúvida sobre a verdadeira paternidade de Mundo só é resolvida nas últimas páginas). Esse carregado drama familiar quer ser uma espécie de retrato espiritual da ditadura militar. As datas são significativas: a amizade entre Lavo e Mundo começa em 1964, e a ação prossegue até as vésperas da posse malograda de Tancredo Neves, em 1985.

A trama se perde entre o embate trágico de pai e filho e o retrato meio truncado da época autoritária. As referências a uma guerrilha na Amazônia ficam perdidas no meio do livro, sem

desenvolvimento. Como representante típico do empresário que apoiou a ditadura, Jano é um personagem um tanto esquemático. E alguns episódios que deveriam ser cruciais desenvolvem-se numa correria desabalada: o esbaforido Lavo adentra a sala bem no momento culminante de uma discussão entre Mundo e Jano, que em seguida tomba no chão, à beira da morte. Esses momentos melodramáticos seriam plausíveis em uma ópera, não em um romance.

O livro cresce nas páginas finais, quando Mundo volta do exílio para morrer no Rio de Janeiro. É só então que se afina o tom entre o drama dos personagens e a tragédia coletiva da ditadura: artista frustrado, Mundo representa o talento e a sensibilidade que se perderam nos anos brutos da repressão. Como contraponto, aparece a vitória ambígua do farsante Arana, um artista que fez sucesso pintando paisagens "exóticas" da Amazônia para consumo de filistinos estrangeiros.

#### Festa na ditadura

*Mundo me puxou para um canto da cozinha, apontou os convidados e cochichou: 'Aquele grandalhão ali é o Albino Palha... amigo e conselheiro do meu pai. Se derrete todo na frente dos militares. Olha como bajula os caras. Só falta pentear o bigode do mais alto, o coronel Zanda. Aquele esqueleto corcunda é o presidente da Associação Comercial. Quando fala, parece que está numa tribuna. O lesu se considera um historiador. Os outros são cupinchas e penetras. Minha mãe odeia essa gente. Já está bebendo...* (Trecho de *Cinzas do Norte*)

(Jerônimo Teixeira, Revista *Veja*, 15 ago. 2005)

#### b) Amargura fulminante

No romance *Cinzas do Norte*, o escritor Milton Hatoum constrói uma história triste e irresistível.

#### Obra

*Relato de um Certo Oriente* e *Dois Irmãos* ganharam o Prêmio Jabuti. Milton Hatoum integra a rara cepa de escritores capazes de transformar ficção em memória. Seus livros têm aroma, sabor e textura; têm temperatura e umidade, são repletos de ruídos e sons. À

medida que a leitura avança, detalhes como 'o cheiro de limão, alho e pimenta' que vem de uma cozinha ou 'a gritaria de peixeiros, ambulantes e carregadores' num porto de Manaus vão formando uma espécie de repertório de lembranças na mente do leitor. E uma trama inventada, criada com riqueza de imaginação e destreza narrativa, torna-se uma história tão real que parece ter sido vivida de fato. Foi assim com *Relato de um Certo Oriente* (1989), obra de estreia do autor, com o seguinte, *Dois Irmãos* (2000) e agora, a bordo de uma amargura fulminante, com *Cinzas do Norte*, que chega às livrarias na terça-feira 16. A história se passa, mais uma vez, na capital amazonense, cidade natal de Hatoum. É um enredo aflito e desgraçado. Ao final, o livro deixa o gosto do passado que assombra o presente, difícil de digerir.

*Cinzas do Norte* conta a trajetória de dois amigos. Lavo, que narra tudo em primeira pessoa, é um órfão, criado por Ranulfo e Ramira, dois tios pobres, irmãos da mãe falecida. Mundo, ou Raimundo, nascido numa família rica e decadente, vive numa conta cruel com o pai, que despreza a rebeldia e os talentos artísticos do filho, com quem disputa o amor da mulher, Alicia, mãe do garoto. No correr das páginas, vão surgindo intrigas e vínculos mal resolvidos entre os dois núcleos, e tudo é desvendado com sutileza - às vezes apenas sugerido. Outros narradores somam-se a Lavo, e as diferentes versões da história acabam por formar um círculo que se fecha apenas nas linhas finais.

Desavenças familiares, competição pelo amor de uma mulher e rivalidade entre pai e filho (como no novo romance) ou entre irmãos (como no anterior) são temas recorrentes na curta porém vigorosa bibliografia de Hatoum. Nascido numa cidade meio isolada do resto do Brasil, o escritor morou também em Brasília, Paris e Barcelona, e atualmente vive em São Paulo. 'Sou um pouco desses dois personagens, dividido entre ficar na província e sair para o mundo', diz o romancista. Esse desejo de pertencer a algum lugar e a sensação permanente de deslocamento, onde quer que se esteja, são outros dilemas comuns aos personagens. Manaus, com seu calor opressivo e suas fronteiras ilhadas por braços de rio, é uma espécie de clausura para os protagonistas de *Cinzas do Norte*. Mas sair de lá não representa liberdade. Mundo circula pelo Rio de Janeiro, por Berlim

e Londres, apenas para se perceber preso ao passado que sua cidade de origem representa: 'Minha reclusão não é atributo da geografia', conclui ele, numa carta a Lavo.

Pequenas porções de realidade parecem ser peças importantes na literatura de Hatoum. A própria história do autor serve como base - ainda que, diga-se, o romance não seja autobiográfico. Mesmo assim, o escritor, arquiteto por formação, parte de fundações reais para erguer sua ficção. Os dois protagonistas são contemporâneos de Hatoum, nascidos no início dos anos 50. Ao longo da trama, acompanham o que ele mesmo vive: o golpe de 1964, os Anos de Chumbo, o milagre econômico e a abertura. O colégio Pedro II de Manaus, por onde passam Lavo e Mundo, teve como aluno o autor. 'O escritor sempre paga um dízimo ao real', conforma-se o autor. Com essa mistura de memória, ficção, dramas bem urdidos e detalhes que enchem a narrativa de verdade e cotidiano, Milton Hatoum enjaula o leitor, torna-o refém de sua história triste e irresistível. *Cinzas do Norte* é uma prisão amarga, à imagem da trajetória dos personagens. Mas nos proporciona o prazer que é a leitura de um grande romance.

#### Trecho

*Cresci ouvindo meus tios brigarem por causa de Alicia, que tinha morado num bairro vizinho, o Jardim dos Barés. Uma história anterior ao meu nascimento que, no entanto, ainda era comentada no Morro da Catita e parecia não ter fim. Certa vez, eu e minha tia avistamos Alicia e Jano na rua da Instalação, saindo da Casa Vinte e Dois Paulista. Vinham abraçados e sorridentes em direção a nós; tia Ramira diminuiu o passo, ficou nervosa, me puxou pelo braço, quis voltar. Paramos numa atitude ridícula, e os dois se aproximaram, ela mais alta e mais altiva que ele, mas só Jano cumprimentou Ramira, com um sorriso, erguendo a mão. Vi o rosto maquiado de Alicia, senti sua mão espanar meu cabelo, os dedos perfumados roçarem meus lábios, e ouvi a voz dizer: 'Como está grandinho, é a cara da mãe'.*

(Beatriz Velloso, Revista Época,<sup>2</sup> 15 ago. 2005)

<sup>2</sup> © Editora Globo.

## 3 COMO SE FAZ UMA RESENHA ACADÊMICA

A RESENHA ACADÊMICA estrutura-se nas seguintes partes (cf. Severino, 2000: 131):

- 1- *Cabeçalho*: onde são transcritos os dados bibliográficos completos da publicação resenhada.
- 2- *Informação sobre o autor*: esta parte deve ser breve e pode ser dispensável se o autor for bastante conhecido.
- 3- *Exposição sintética do conteúdo do texto*: esta síntese deve ser clara e objetiva, apresentando os pontos principais da obra analisada. Deve transmitir ao leitor, segundo Severino, "uma visão precisa do conteúdo do texto, de acordo com a análise temática, destacando o assunto, os objetivos, a idéia central, os principais passos do raciocínio do autor" (p. 132).
- 4- *Comentário crítico*: avaliação crítica elaborada pelo resenhista que pode assinalar aspectos positivos (contribuição para determinados setores da cultura, sua qualidade científica, filosófica ou literária, sua originalidade) ou

negativos (falhas, incoerências, limitações) do texto em pauta. Cabe lembrar que as críticas devem ser relacionadas às idéias e posições do autor, jamais a sua pessoa.

É sempre adequado contextualizar a obra sob análise no âmbito do pensamento do autor, relacionando-a com suas demais produções e com as condições gerais da cultura ou da ciência na época de sua publicação.

Vejamos, a seguir, uma resenha produzida por alunos do 2º ano de graduação do curso de História da UNESP de Assis (São Paulo).

**Daniel Valle Ribeiro - *A Cristandade do Ocidente Medieval*: uma leitura dos alunos da graduação.**

Sob um místico véu, ora repleto de críticas a sua tenebrosidade, ora romanticamente exaltada no reluzente brilho das armaduras, os dez séculos que compreendem o medievo foram responsáveis pela montagem da Europa e pela configuração do mundo moderno e contemporâneo. Pode-se afirmar que a Idade Média foi um divisor de águas na história da humanidade ocidental, onde se destaca o papel da religiosidade e da Igreja Católica.

É exatamente isso que mostra a obra "A Cristandade no Ocidente Medieval", de Daniel Valle Ribeiro. Num formato paradidático, o livro publicado pela Editora Atual, em 1998, com 106 páginas, figura como um prático manual que, com suas informações gerais, dispõe uma essencial leitura de base para o assunto.

Nesse estudo, Daniel Valle Ribeiro aborda os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento no Ocidente Medieval. Para tanto, traz sua trajetória desde o nascimento da crença, na Judéia, e da fundamental ação do apóstolo Paulo para sua propagação. A maneira com que trata o tema nos traz um claro entendimento de questões que costumam promover diversas dúvidas, principalmente nas extensas e dificultosas publicações acadêmicas nas quais os autores escrevem para os seus pares. As cisões que sofreu o velho culto cristão, dando origem as diversas outras religiões, como

os Gnósticos, seguidores de Marcião e monistas, assim como o resumo de suas doutrinas, são informações que nem sempre, excetuando-se os dicionários específicos, são reunidas de forma tão esclarecedora. Tal qual no tocante da expansão cristã no Ocidente, que deu-se de forma mais lenta que a feita no âmbito Oriental.

A organização feita em capítulos e subcapítulos proporciona mais fácil compreensão do entrelaçar entre a expansão no Ocidente, fomentada após a vitória de Constantino sob o signo cristão, pelo bispo de Roma, vigário de Pedro, como decretara o Papa Leão I (440-461) e entre a ação dos doutores da Igreja, São Jerônimo, que traduziu o Antigo e o Novo Testamento do hebraico e do grego para o latim, a famosa *Vulgata*; Santo Ambrósio, destacando-se pela autonomia da Igreja diante do Estado e, um dos mais significativos, Santo Agostinho, que iluminou os caminhos da Igreja com seu pensamento e suas obras. Tais relações fazem a compreensão da gênese cristã enquanto instituição bastante acessível, inclusive para leigos, que encontram na obra um porto seguro para o início de seus estudos.

Os primórdios da Igreja ocidental são abordados de maneira singular pelo autor, demonstrando um domínio oriundo de suas pioneiras experiências nos estudos da Alta Idade Média. Daniel Valle Ribeiro expõe os problemas que a instituição teve com o arianismo, uma interpretação da trindade cristã heretizada em Nicéia, e seu papel de reorganizadora da *pars occidentalis*. Já detentora de grandes porções de terras, a Igreja começava a tomar as rédeas do Oeste Europeu e despontar como única instituição organizada.

Outro ponto forte da obra é a constante contextualização com o universo Bizantino. Embora, como demonstra o título da obra em questão, a proposta de estudo seja a Cristandade Ocidental, há questões fundamentais para seu estabelecimento que advêm do Oriente. Tratadas muitas vezes de maneiras superficialmente segregadas, ou academicamente aprofundadas, a diferença entre os prismas obtidos pelo Ocidente e pelo Oriente em fatos como os cismas, sobretudo de 1054, ou mesmo a iconoclastia, todas questões fundamentais para a História de ambas Igrejas e povos, são também tratadas de forma inteligível, ressaltando-se as informações mais relevantes para seu entendimento primeiro. Tais relações

traçadas pelo autor nos trazem uma compreensão da rica história da Igreja Medieval do Ocidente e não um mosaico de fatos isolados que dificultam sua compreensão.

No que toca ao monasticismo, por exemplo, sua conexão com o advento da Querela das Investiduras. O monaquismo é descrito desde o eremitismo nos desertos do Oriente, e o anacoretismo e suas iguais renúncias, tidas ainda como suspeitas, até seu estabelecimento como prática cristã, deixando sempre claras as diferenças de suas dissidências. Os monges passaram a representar no campo, em uma época de ruralização da Europa, o que o bispo representava para a cidade, em declínio. Desenvolvido por São Bento de Nursia, que instituiu o preceito do "*Ora et Labora*", o monaquismo ocidental teve em suas origens, dissensões, tais como na Irlanda, onde se intensificou e se tornou mais rígido tendo diferente liturgia e rituais. Como mostra o autor, a linhagem monacal cresceu e tornou-se par do clero secular. Exemplo disso, vemos quando Cluny chegou a Sé Romana, especialmente com Gregório VII, que encontrou problemas morais não vistos com tanta frequência nos mosteiros. Gregório VII foi um exemplo. Intencionando o fim da simonia e do nicolaísmo, além de maior controle sobre o poder temporal, decretou, dentre outros pontos, a proibição à investidura laica, dando início à famosa Querela das Investiduras. Conclusões como essa só foram possíveis após a leitura da presente obra que traz as informações necessárias para um aprofundamento reflexivo mais seguro.

O livro também mostra a heresia de uma ótica diferenciada; a começar pela palavra "heresia" que, em grego, não significa nada além de escolha. Sempre se teve a Igreja como fervorosa repressora dos hereges. Porém, com a leitura desta obra, vê-se que o clero, principalmente no período de sua formação, no que Paola Maria Arcari, autora citada na obra, define como estágio cenobítico, mostra-se muito perspicazmente indulgente. O sincretismo com as demais religiões como, por exemplo, o culto à grande mãe celta, é um sintoma do acima dito.

De fato, conforme a Igreja ganhava poder, sua piedade tendia a diminuir. Contudo, tais informações rompem com idéias e conceitos padronizados, partes de um aprendizado reducionista e demasiadamente superficial. Superficialidade contida também na

interpretação do clero como um Estado. O entendimento dos principais conflitos e alianças entre os poderes temporal e espiritual é, sob o ponto de vista de nossa leitura, o ápice da obra. Elementos fundamentais para a compreensão do período medieval são abordados por Daniel Valle Ribeiro de forma factual e em evolução cronológica, sempre com a pertinente inserção dos universos Bizantino e Islâmico.

A criação do Estado pontifício em aliança com o então proclamado imperador dos Francos, Carlos Magno, aliança esta trazida e desenvolvida desde Carlos Martel, que venceu o Islã em Poitiers confiscando terras eclesiásticas, e Pepino, o Breve, vencedor dos Lombardos e realizador da concessão, foram essenciais para o deslocamento do eixo europeu ocidental do Mediterrâneo, controlado então pelos muçulmanos, para o Norte. Aproveitando da fraqueza de Luís, o Piedoso, filho de Carlos Magno, e dos conflitos entre seus filhos, Luís, Carlos e Lotário, a Igreja foi ficando cada vez mais poderosa, numa Europa um tanto fragmentada, que ficava sobre um semi-efetivo controle seu, em virtude do provavelmente apócrifo documento "Doação de Constantino".

Deste aspecto da fragmentação, dentre outros, depreende-se a formação do feudalismo, que também encontra-se inserido na obra. Com as ressalvas dos casos italianos, oriundos do importante comércio no Veneza, e do caso Espanhol devido à presença islâmica e à Guerra de Reconquista, o autor situa as origens feudais geridas no colonato romano, moldadas no Império Carolíngio e instaladas no início da chamada Idade Média Central (séculos XI-XIII). Outro aspecto importante, por nós desconhecido antes das informações adquiridas pela leitura da obra, é que pudemos relacionar o fortalecimento da Igreja e sua imbricação com a sociedade feudal, ligação esta sempre apontada superficialmente e nunca suficientemente esclarecida em outras instâncias, já que a Igreja possuía uma unidade institucional frente a Europa retalhada. Para explanar sobre a vassalagem e suas influências nas relações clericais, cita passagens enriquecedoras de March Bloch, Paola Arcari e Jacques Le Goff, dentre outros. Visa, pois, entrelaçar o leitor leigo com alguns dos principais pesquisadores do período. Ressalte-se que, em sua bibliografia, figuram algumas das mais relevantes obras para o aprofundamento

do estudo do tema, tanto no âmbito do medievo, em suas diversas fases e faces.

Em suma, as relações entre Estado e Igreja variam sempre, entre acordos e desentendimentos, oscilando com os interesses de cada um em seu tempo. Embora a idéia de Império nunca mais tenha sido retomada após Carlos Magno, na época de Oto I e, especialmente, com Frederico Barba Ruiva, outros, como Henrique IV, tiveram atritos com o pontífice, chegando a ser excomungados. Porém, era vantajoso para a Igreja a manutenção da paz com o Império, pois, assim, estaria protegida, ora dos sarracenos, ora dos normandos, ora do próprio Império ficando, por fim, nos estertores da Idade Média Central, com a hierocracia papal, mas que se mostrou uma vitória efêmera diante da organização das Monarquias Feudais.

Outro momento em que a Igreja investe na afirmação de sua soberania é com Urbano II e o movimento de peregrinação armada que incitou contra os infiéis orientais. Como aponta o autor, as Cruzadas, atreladas às necessidades sócio-político-econômicas do contexto de fins do século XI, modificaram mais uma vez a trajetória da Igreja cristã e da Europa ocidental, separadas então por uma tênue linha. As Cruzadas tiveram um caráter sacralizante, transformando os cavaleiros em soldados de Cristo. Tal movimento fez com que milhares de pessoas partissem para o Oriente, chegando a tomar a Antioquia e a própria Jerusalém, mas logo perdida. A quarta Cruzada, denominada Comercial, demonstra o desvirtuamento daquelas "Peregrinações Armadas", pois desvia-se de seu objetivo e chega a tomar a cristianíssima Constantinopla. Além disso, fundaram ordens monástico-religiosas como a dos Templários, com São Bernardo de Claraval, e a dos Hospitalários que cuidavam dos feridos e enfermos. Assim, desde a quarta Cruzada, tais expedições foram perdendo seu sentido e ideologia, merecendo destaque apenas a sétima e a oitava, lideradas por Luís IX, logo canonizado como São Luís.

Contudo, legaram rica literatura em inspiração artística. Vinho a lembrar que a presente obra expõe a produção literária e artística num capítulo que rompe com outra concepção padronizada e bastante difundida, a idéia renascentista de *Tenebrae*, nula de produção quaisquer criações. O "Renascimento" do século XII, tal como a antiga arte românica, as maravilhosas escultura e arquitetura Gótica,

tal como as universidades e mosteiros são, em poucas linhas, suficientes para colocar por terra tal definição da Idade Média. Vê-se então, no decorrer da leitura, que um novo horizonte surge frente às concepções legadas à cristandade medieval e ao medievo como um todo. Simultaneamente, há um aumento da necessidade de novas e mais específicas leituras, que podem ser realizadas agora sobre bases mais sólidas.

Daniel Valle Ribeiro mostra nessa obra não somente a trajetória da cristandade, desde suas origens até a era moderna, como também um perfil do que e no que foi presente, no Ocidente e em toda a Idade Média, de indulgente à inquisidora, a Igreja Católica fez com a Europa Medieval o que a última fez com o Novo Mundo na era Moderna. Descobriu-a, edificou-a e tornou-a apta a se incorporar ao Velho Mundo em favor deste. O autor e seu pioneirismo nos estudos acadêmicos brasileiros sobre a Alta Idade Média ofereceu-nos uma obra sucinta, de fácil compreensão, sem perda do rigor, que traz informações, às vezes só contidas em publicações mais específicas. É uma leitura essencial para iniciantes no estudo do assunto e, ao mesmo tempo, um manual indispensável para os mais experientes. (Bruno Gustavo Muneratto; Cibelle Carrara; Germano M. Esteves Favaro; Richard Lorenz membros do NEAM - Unesp-Assis; texto publicado em: Andrade, Ruy de Oliveira (org.) *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média: Estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro*. São Paulo: Editora Solis, 2005, p. 591-593.)

Destaquemos, agora, as partes que estruturam o texto, conforme as instruções apresentadas no início desta unidade.

- 1- *Cabeçalho* — Como se trata de uma resenha publicada em obra específica da área de História Antiga e Medieval, os autores indicam nos dois primeiros parágrafos os dados bibliográficos da publicação resenhada. Entretanto, quando uma resenha acadêmica é apresentada para avaliação em uma disciplina ou quando o pesquisador elabora resenhas para uma pesquisa, é mais interessante apresentar o cabeçalho para facilitar a identificação do texto resenhado, como apresentamos a seguir:

RIBEIRO, Daniel Valle. *A Cristandade do Ocidente Medieval*. São Paulo: Editora Atual, 1996, 106 pp.

2- *Informação sobre o autor* — Dado que na área de História Antiga e Medieval, Daniel Valle Ribeiro, que é professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais, é um pesquisador bastante conhecido, esta parte é dispensável para os especialistas. Entretanto, cabe lembrar que a resenha em foco faz parte de uma obra publicada em homenagem ao referido professor (esses dados podem ser confirmados na referência bibliográfica da obra em que se encontra a resenha) e que apresenta na introdução um texto cujo organizador destaca a importância do autor para a comunidade científica.

3- *Exposição sintética do conteúdo* — Praticamente toda a resenha (com exceção do primeiro parágrafo e parte do segundo, que apresentam a obra) é uma síntese crítica dos principais pontos tratados, que visam a traçar um panorama fiel do conteúdo do texto. Nessa síntese destacam-se:

*assunto* — a obra aborda “os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento no Ocidente Medieval” (ver parágrafo 3 da resenha)

*objetivos* — destacar a importância da Idade Média para a compreensão da História do Ocidente, pois os dez séculos que compreendem o medievo são um divisor de águas para a humanidade. A Idade Média precisa ser vista como a grande responsável pela montagem da Europa e pela configuração do mundo moderno e contemporâneo, principalmente no que diz respeito ao papel da religião e da Igreja Católica. (ver parágrafo 1)

*idéia central* — discutir “os fatos e as conjunturas mais relevantes da Igreja Católica e seu desenvolvimento

no Ocidente Medieval”, traçando uma trajetória que tem início no nascimento da crença, na Judéia, e na ação do apóstolo Paulo para sua propagação.

*principais passos do raciocínio do autor* — a própria estrutura da obra já evidencia este ponto, pois “a organização feita em capítulos e subcapítulos proporciona mais fácil compreensão do entrelaçar entre a expansão no Ocidente, fomentada após a vitória de Constantino sob o signo cristão, pelo bispo de Roma, vigário de Pedro, como decretara o Papa Leão I (440–461) e entre a ação dos doutores da Igreja, São Jerônimo, que traduziu o Antigo e Novo Testamento do hebraico e do grego para o latim, a famosa *Vulgata*”. (ver parágrafo 4)

4- *Comentário crítico* — Embora durante todo o texto os autores façam a síntese da obra, não deixam de apresentar comentários sobre o trabalho em foco, como se pode verificar nos seguintes trechos:

(...) Num formato paradidático, o livro figura como um prático manual que, com suas informações gerais, dispõe uma essencial leitura de base para o assunto. (parágrafo 2)

(...) A maneira com que trata o tema nos traz um claro entendimento das questões que costumam promover diversas dúvidas, principalmente nas extensas e difíceis publicações acadêmicas nas quais os autores escrevem para seus pares. (parágrafo 3)

(...) Outro ponto forte da obra é a constante contextualização com o universo Bizantino (...). (parágrafo 6)

(...) Elementos fundamentais para a compreensão do período medieval são abordados por Daniel Valle Ribeiro de forma factual e em evolução cronológica, sempre com a pertinente inserção dos universos Bizantino e Islâmico. (parágrafo 9)

(...) Para explicar sobre a vassalagem e suas influências nas relações clericais, cita passagens enriquecedoras de March Bloch, Paola Arcari e Jacques Le Goff, dentre outros. Visa, pois, entrelaçar o leitor leigo com alguns dos principais pesquisadores do período. Ressalte-

se que, em sua bibliografia, figuram algumas das mais relevantes obras para o aprofundamento do estudo do tema, tanto no âmbito do medievo, em suas diversas fases e faces. (parágrafo 11)

Entretanto, no último parágrafo da resenha, há um comentário mais contundente e decisivo, dado que conclui a resenha, e que revela a importância da obra e de seu autor para a comunidade científica:

Daniel Valle Ribeiro mostra nessa obra não somente a trajetória da cristandade, desde suas origens até a era moderna, como também um perfil do que e no que foi presente, no Ocidente e em toda a Idade Média, de indulgente à inquisidora, a Igreja Católica fez com a Europa Medieval o que a última fez com o Novo Mundo na era Moderna. Descobriu-a, edificou-a e tornou-a apta a se incorporar ao Velho Mundo em favor deste. *O autor e seu pioneirismo nos estudos acadêmicos brasileiros sobre a Alta Idade Média ofereceu-nos uma obra sucinta, de fácil compreensão, sem perda do rigor, que traz informações, às vezes só contidas em publicações mais específicas. É uma leitura essencial para iniciantes no estudo do assunto e, ao mesmo tempo, um manual indispensável para os mais experientes.*

## 4 MARCAS DE SUBJETIVIDADE DO ENUNCIADOR

COMO JÁ FOI DITO anteriormente, a resenha deve apresentar elementos avaliativos, ou seja, comentários do enunciador (o resenhista) a respeito da obra resenhada. De modo geral, na resenha acadêmica é comum o enunciador evitar escrever em primeira pessoa, mas continuar expressando sua subjetividade de maneira indireta, garantindo veracidade ao dito e fazendo com que o comentário pareça surgir como uma característica da própria obra.

Voltemos a observar a resenha elaborada por Elisa Guimarães sobre a obra *O teatro de Oswald de Andrade – Ideologia, intertextualidade e escritura*, de autoria do professor José João Cury. Ao reler esse texto, podemos perceber que existem trechos em que a professora emite comentários relativos à organização do texto, à qualidade do trabalho e ao estilo do autor, evidenciando a subjetividade de maneira indireta ou implícita. Observemos os trechos selecionados:

(...) O autor-professor, testemunhando seu convívio com a boa didática, define e exemplifica com extrema clareza recursos in-

tegrados à rede intertextual, tais como carnavalização, menipéia, paródia, estilização, paráfrase.

(...) Buscando, por intertextos, uma unidade na diversidade das propostas do autor, a fim de identificar as ideologias, José João Cury manipula, com justeza e competência, os textos que se intertextualizam como formas de adesão, de complementaridade ou de refutação às idéias veiculadas.

(...) Em estilo perfeitamente a propósito, sem a menor indecisão expressional, manso e liso, de acabamento exato, José João Cury sintetiza, nessa sua análise magistral, os ensinamentos que vem ministrando na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, bem como no Programa de Letras dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde é professor.

Quando a avaliação da obra resenhada é negativa, o enunciador deve ser "polido" e atenuar as afirmações negativas, que possam atingir a imagem pública do autor da obra em foco. Para tanto, pode empregar expressões modalizadoras (*parece que* uma das lacunas da obra...; *talvez falte* ao livro um tratamento mais específico...), verbos no futuro do pretérito (O levantamento de tais indagações *permitiria*...).

Vejamos alguns exemplos de resenhas apresentadas na unidade 2 deste livro:

(...) Ainda que secundárias, as piadas sobre raça dão um bem-vindo toque politicamente incorreto: há judeus, negros, hindus e até albaneses. O único desliz de Lee é esticar a história além da conta – um corte de 15 minutos não faria mal ao filme. Ainda assim, *O Plano Perfeito* vale o preço da pipoca. (resenha sobre o filme "O Plano Perfeito", do cineasta americano Spike Lee)

(...) Quem se impressionou com o exame acurado de relações sociais e familiares de *Dois Irmãos* esperava que Hatoum, cinco anos depois, conseguisse se superar. Não foi o que aconteceu. *Cinzas do Norte* não chega a ser um mau romance, mas decepção. (resenha sobre o romance *Cinzas do Norte*, do escritor Milton Hatoum)

## 5 A POLIFONIA TEXTUAL

DADO QUE A resenha é um texto construído por um enunciador a respeito de outro texto de outro autor, é natural que haja menções ao texto original. Tais menções são normalmente feitas para serem alvo de comentários do resenhista, entretanto essas duas vozes (a do autor do texto original e a do resenhista) devem ficar bem claras para o leitor.

Para tanto, o resenhista faz uso de alguns procedimentos para evidenciar o autor da obra e seus diferentes atos, distinguindo-os do que é a sua opinião e/ou avaliação como autor da resenha. Algumas vezes tais atos são atribuídos ao próprio livro ou obra, por exemplo: *a obra tem por objetivo, o livro revela*, ou aparecem de forma impessoal (define-se, estrutura-se, encontram-se). Além desse recurso, o resenhista pode usar expressões diversas que introduzem a voz do autor da obra, por exemplo: *No dizer do próprio autor, segundo o autor, para o autor*.

Numa resenha acadêmica, o resenhista pode ainda introduzir outras vozes de especialistas no assunto, visando a

estabelecer um diálogo com o autor da obra original, na medida em que pode contrapor opiniões e, a partir delas, justificar a sua avaliação.

Vejamos, a seguir, um exemplo de polifonia a partir da resenha elaborada pelo professor Antonio Candido sobre o livro *1930 - o Modernismo e a Crítica*, de João Luiz Lafetá, publicada em 11 de março de 2000, no *Jornal de Resenhas*, editado pela *Folha de S. Paulo*:

1930 - O Modernismo e a Crítica, de João Luiz Lafetá  
(Coleção Espírito Crítico). Editora 34; 270 págs.

Antonio Candido

Este livro foi um marco na crítica brasileira do nosso tempo, e a sua reedição faz pensar no quanto ela perdeu com a morte precoce de João Luiz Lafetá.

Lafetá era contido e exigente, não fazia questão de aparecer nem tinha pressa em publicar. O seu trabalho intelectual se processava com o lento rigor dos que desejam tirar de si mesmos o melhor possível, duvidando sempre do resultado. Rigor e tensão mental, freqüentemente tingidos de angústia, caracterizavam o ritmo e o teor do seu esforço de crítico e docente. O cuidado com que preparava os cursos e a longa gestação de dúvidas que lhe custavam floresciam em aulas que se pode considerar perfeitas, porque eram verdadeiras obras de arte didática. Usando o quadro-negro com precisão, desenvolvendo a explicação e intercalando os exemplos com domínio perfeito da matéria, era sempre pessoal, e o auditório talvez sentisse o quanto ele o respeitava, ao perceber a riqueza de informação e de reflexão embutidas no preparo, assim como o esforço de clarificação com que expunha as noções e os conceitos. E com certeza admirava o sereno equilíbrio da sua elocução, servida pela voz grave naturalmente empostada. O que não podia perceber era a natureza do esforço, da críspação angustiada que precedia aquele resultado; eram as horas de tentativa hesitante dissolvidas na harmonia da exposição.

Esse grande professor era um crítico finíssimo e cheio de talento, capaz de ler os textos de maneira original e de sobrevoar

períodos e tendências com força integrativa. Prova é este livro, que não por acaso se tornou logo título essencial na bibliografia especializada. Nele, João Luiz Lafetá reinterpretou com espírito renovador o movimento geral do Modernismo brasileiro, como enquadramento e ao mesmo tempo finalidade implícita de um estudo sobre a crítica do decênio de 30 por meio de amostra significativa.

Teoricamente o seu objetivo é sugerir certas conexões entre literatura e ideologia, problema que tem feito correr rios de tinta; e quem navegou por eles bem sabe como são freqüentes as tentativas malogradas, as formulações insatisfatórias e, sobretudo, as afirmações sem demonstração, pecado capital no trabalho crítico. Ora, este livro é impecável pela segurança com que soube adequar o proposto no plano teórico ao realizado no plano da análise.

Bem concebido e bem composto, repousa num par de conceitos que o autor manipula tanto no âmbito largo do período, domínio próprio da história literária, quanto no âmbito reduzido de cada obra, domínio da análise crítica. Explícita ou implicitamente, esse par interpretativo percorre o livro, não apenas dando-lhe unidade e coerência, mas operando a interpenetração dos níveis.

A proposta de Lafetá (desde logo incorporada ao elenco dos nossos estudos literários) se baseia no intuito de mostrar de que maneira o Modernismo se desdobrou como passagem do "projeto estético" dos anos 20 ao "projeto ideológico" dos anos 30. E é preciso salientar que ao estabelecer esta distinção ele não quis definir momentos estanques, mas fases de predominância, pois estético e ideológico se combinam nos dois momentos. Esta é uma das razões pelas quais o seu trabalho analítico é compreensivo e flexível, superando a rigidez das dicotomias, freqüente nesse tipo de estudos. Inclusive porque tem sempre na mira o problema da linguagem como algo inseparável do teor das mensagens.

Nas suas palavras, "qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes conjugadas em forte tensão): enquanto projeto estético, diretamente ligada às modificações operadas na linguagem, e enquanto projeto ideológico, diretamente atada ao pensamento (visão de mundo) de sua época". E adiante: "Essa distinção, que pretendemos usar no exame de um aspecto

do Modernismo brasileiro, é útil porque operatória; não podemos entretanto correr o risco de torná-la mecânica e fácil: na verdade o projeto estético, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu projeto ideológico. O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade), investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo”.

#### Quatro autores

Tendo exposto a sua posição, Lafetá se fixa na crítica como placa sensível, estudando quatro autores que representam quatro posições em face do Modernismo e lhe permitem analisar níveis diferentes na dialética dos “projetos”: Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataide), Mário de Andrade e Otávio de Faria. Utilizando os escritos que produziram no decênio de 30, consegue demonstrar o seu ponto de vista e esclarecer a dinâmica do Modernismo brasileiro à luz da consciência crítica. A ordem em que estuda os quatro autores segue a cronologia da respectiva entrada na vida literária, mas ao mesmo tempo gradua a variedade das posições em face da renovação modernista, de maneira a obter uma visão bastante completa.

Agripino Grieco vinha impregnado da atmosfera pós-parnasiana e, se aceitou o Modernismo, não chegou a penetrar na sua singularidade nem no que havia de diferença criadora na obra dos seus protagonistas. Lafetá ressalta a sua qualidade de crítico impressionista identificado ao espírito do jornalismo, que produz, não análises compreensivas, mas crônicas pitorescas, por vezes cintilantes de humor. É como se a renovação literária tivesse deslizado sobre ele sem modificar a sua visão arraigada nas fases anteriores, embora ele tenha usado, como os modernistas, a arma profilática do riso e do sarcasmo, em ataques irreverentes a figuras consagradas do mundo intelectual. Deste modo, contribuiu também na sua escala modesta para espanar a literatura do tempo, inclusive

porque seus artigos atingiam um público numeroso, atraído pela sua verve.

O caso de Alceu Amoroso Lima é diferente, pois trata-se de um grande crítico, que trouxe contribuições importantes com os seus ensaios do decênio de 20, não apenas sobre os contemporâneos brasileiros, mas sobre estrangeiros então pouco divulgados aqui, como foi o caso do tratamento precoce e inteligente da obra de Marcel Proust, cujo último volume apareceu em 1926.

O estudo de seus escritos do decênio de 30 valeu como caso ideal para o designio de Lafetá, pois assim como o Modernismo estava segundo ele transitando do “projeto estético” para o “projeto ideológico”, o mesmo se dava com a concepção de literatura de Alceu Amoroso Lima, que a partir de 1929 deixou de ser um intelectual disponível para tornar-se católico ardente e empenhado, depois de convertido por influência de Jackson de Figueiredo. Isso permitiu a Lafetá surpreender o embate dos dois “projetos” no interior de uma obra cujo autor desejava preservar a integridade do “estético”, apesar de embebido de “ideologia” (religiosa) com fervor de neófito. Ele mostra, então, como Alceu Amoroso Lima viveu uma espécie de drama intelectual, ao querer preservar contraditoriamente os valores da tradição sem negar as experiências literárias contemporâneas. Daí uma ambiguidade que, no fundo, tem precedentes em sua fase anterior de relativa neutralidade ideológica, pois já nos anos 20 (assinala Lafetá) estava claro que, nele, o apeço pelo Modernismo era temperado pelo apeço a tipos anteriores de literatura, segundo os quais tinham sido formados a sua mente e a sua sensibilidade.

Nos anos 30 essa tendência avulta e é reforçada pela opção católica, que o levou a simpatizar com a “ordem” (num sentido bem geral), oposta à “revolução” (também em sentido amplo), pois esta lhe parecia minar a sociedade contemporânea como elemento dissolvente. Daí o fato de encarar com simpatia as fórmulas políticas de direita, inclusive as de corte fascista. Esse pendor é analisado por Lafetá com acuidade e senso dos matizes; e como precisa respeitar os limites temporais do seu “corpus”, pôde apenas mencionar que no decênio seguinte Alceu Amoroso Lima modificou essencialmente a sua posição, na esteira do pensamento cristão progressista coroado pelo processo de atualização, secularização e radicalização de muitos

setores da Igreja Católica, acelerado nos anos 50. O leitor presente que Lafetá teria gostado de entrar na análise dessa mudança, mais afinada com as suas convicções de esquerda.

### O teórico do Modernismo

O caso de Mário de Andrade é especial, pois ele foi um dos líderes do movimento modernista nos anos 20 e não apenas o seu maior representante, mas o seu grande teórico. Não é portanto de estranhar que lhe seja dedicada a parte mais importante e atraente do livro, inclusive porque estuda posições que praticamente coincidem com as do seu autor.

Procurando penetrar o mais fundo possível na mente complexa e contraditória de Mário de Andrade, Lafetá recua até o começo do movimento modernista, a fim de mostrar como ele definiu o "projeto estético" nos dois escritos que constituem a sua plataforma teórica: o "Prefácio Interessantíssimo" (em "Paulicéia Desvairada") e "A Escrava Que Não É Isaura". Ambos denotam consciência crítica excepcional e propõem temas que Mário de Andrade trabalhará pela vida afora, notadamente a relação entre técnica e impulso criador, que aprofundaria nos anos 30. Para estudar as suas posições, Lafetá usa tanto os ensaios e artigos quanto certos poemas de conotação social, nos quais consegue localizar por dentro, isto é, no próprio tecido do discurso poético, a presença de idéias políticas, inseparáveis dos recursos de renovação da linguagem. E aí está o ponto de apoio desse capítulo, na medida em que mostra como Mário de Andrade teve a verdadeira consciência do problema, não apenas ao sentir e perceber, mas ao ser capaz de exprimir, tanto no plano da criação quanto no da teoria, a fusão inextricável dos dois "projetos". A análise lúcida com que Lafetá sugere essa posição é um verdadeiro feito crítico, seja pela capacidade de leitura, seja pela felicidade na escolha dos exemplos e a segurança de critérios teóricos. Por isso, é uma contribuição de primeira ordem para o debate complicado e frequentemente inconclusivo sobre as relações entre convicção e fatura nas obras literárias. Uma citação deixará claro o propósito deste capítulo: "Procuraremos, na frente, mostrar como Mário de Andrade, na sua pesquisa de uma expressão nova, voltou-se para o estudo da

psicologia da criação, buscando subsídios extraliterários que confirmassem as suas teorias estéticas e a sua concepção do poema como fato de linguagem. Em seguida, tentaremos mostrar como a preocupação de participar leva-o a incluir em seu esquema o dado sociológico, modificando sensivelmente várias das posições anteriores, mas mantendo -sempre- a consciência básica da linguagem, a noção da obra de arte como fatura e forma. A tentativa final é a de examinar -no interior dessas "consciências" (a obra como fato estético, como fato psíquico, como fato social)- a tensão entre projeto estético (a linguagem nova, da vanguarda) e projeto ideológico (participação na vida social)".

Este roteiro límpido é limpidamente seguido e demonstra a segurança de Lafetá no trabalho de resolver um problema difícil da crítica literária, pois (desculpem a insistência) consegue mostrar concretamente, por meio de uma análise lúcida dos textos, o que freqüentemente permanece, mesmo em críticos bem dotados, no terreno da afirmação sem demonstração.

### Bússola crítica

Agripino Grieco, apolítico, não tinha diretriz ideológica. Alceu Amoroso Lima era um agnóstico que, ao se converter ao catolicismo, imprimiu à sua crítica a subordinação do estético ao ético. Mário de Andrade foi um intelectual simpatizante da esquerda que soube manter a integridade da visão estética numa obra marcada pela participação ideológica. O quarto crítico abordado por Lafetá completa o circuito deste livro, pois Otávio de Faria, um dos ensaístas mais talentosos do fascismo no Brasil, procurou desqualificar com veemência o Modernismo dos anos 20 e a ficção social dos anos 30 (que a princípio tinha recebido com louvores).

Ao estudá-lo, Lafetá reformula o que denomina o seu "ponto básico", isto é, a indagação de "como o projeto ideológico contrasta com o projeto estético, nele interfere e às vezes o determina". Com efeito, neste capítulo final fica bem claro que a bússola crítica do livro é "a noção de que a literatura é linguagem, antes de mais nada"; e a conseqüência disso para o crítico é a convicção de que há uma "relação entre a linguagem e a visão do mundo". Por não

compreendê-la, Otávio de Faria não compreendeu o Modernismo, como não percebeu que os desequilíbrios eventuais da novelística de cunho social dos anos 30 eram semelhantes aos dos seus próprios romances, caudalosos fracassos nos quais o peso ideológico de uma visão conservadora contribuiu para a sua insensibilidade estilística como prosador. E nesse passo Lafetá mostra que esquerda e direita podem se encontrar, quando conferem ao “projeto ideológico” um predomínio que oblitera o “projeto estético”.

Ao fecharmos este livro tão bem concebido e realizado, e pararmos para pensar sobre ele, o sentimento principal é de admiração pela coerência e a força interpretativa com que o autor realizou o seu intuito, armado de uma firmeza teórica e uma imaginação crítica que fazem, mais uma vez, lamentar a sua falta.

Antonio Candido é crítico literário e autor, entre vários livros, do clássico *Formação da Literatura Brasileira* (Itatiaia).

## 6 A COMPREENSÃO GLOBAL DO TEXTO A SER RESENHADO

AO RESENHAR UMA obra, você deverá observar onde o texto foi publicado (jornal, revista, *site*) ou, se for um livro, CD, DVD, qual a editora, fabricante e/ou distribuidor. Se for um livro, examine a orelha, o título, a epígrafe (se houver), as referências bibliográficas. A leitura de todos esses elementos contextualizadores da obra auxiliam o leitor a levantar algumas hipóteses sobre o que vai encontrar. Passe os olhos sobre a obra e observe a sua organização (se for um livro, veja: sumário, introdução, títulos e subtítulos, gráficos, desenhos, tabelas, se houver, considerações finais). Após uma leitura atenta, essas hipóteses podem ou não ser confirmadas.

É importante lembrar que, para que possamos sustentar nossa opinião sobre um tema, é necessário conhecer bem esse tema e, para tanto, devemos ler diferentes tipos de textos que tratam desse assunto.

Leia o romance de Milton Hatoum, *Cinzas do Norte*. A seguir, releia as duas resenhas apresentadas na unidade 2 deste

livro. Procure observar como o resenhista da revista *Veja* desenvolve sua opinião sobre a obra em foco e depois faça o mesmo com o texto publicado na revista *Época*. Há diferença entre as opiniões de cada um dos comentaristas? Quais os pontos em comum? Escreva um texto avaliando os dois comentaristas.

## 7 FAÇA SUA RESENHA

COMO VIMOS DURANTE todo o livro, para se fazer uma resenha é preciso resumir<sup>3</sup> a obra selecionada e apresentar a opinião, levantando argumentos adequados para os pontos tratados a respeito do texto original. Desse modo, é necessário que seja feita uma leitura atenta por meio da qual o leitor estabeleça um diálogo reflexivo com o texto e que questione os pontos positivos e/ou negativos da obra em foco.

A seguir, sugerimos que selecione um material para que você mesmo faça a sua resenha. Se preferir, comece escolhendo uma obra de seu interesse (CD, DVD, peça de teatro, filme) e depois faça a resenha de um artigo científico ou livro de sua área de atuação. No sítio [www.scielo.br](http://www.scielo.br), é possível encontrar periódicos de diversas áreas como história, engenharia, medicina, economia, lingüística, sociologia, zoologia, entre outras, que disponibilizam artigos científicos na íntegra.

<sup>3</sup> *Veja*, desta Coleção, Leite (2006).

Após a leitura da obra ou do artigo em foco, faça um levantamento de aspectos que você apresentará para valorizar o texto e as restrições em relação a ele (se houver). A seguir, resume as principais etapas do texto lido. Para isso, releia a unidade 3, em que apresentamos a estrutura da resenha (*Cabeçalho; Informação sobre o autor; Exposição sintética do conteúdo do texto; Comentário crítico*).

É importante ainda observar as escolhas lexicais (verbos: sustentar, explicar, desenvolver, mostrar, narrar, analisar, afirmar, organizar, concluir etc.; adjetivos e substantivos: negativos e positivos que sustentarão seus comentários como resenhista) que fará para expressar o efeito de sentido que o autor quis causar ao leitor com sua obra, sem que você deixe de ser um resenhista polido.

Depois de elaborar sua resenha, releia e avalie levando em conta os seguintes pontos:

- 1- O texto está adequado em relação ao objetivo de uma resenha acadêmica?
- 2- O texto está adequado ao(s) seu(s) interlocutor(es)?
- 3- O texto transmite a imagem que você deseja revelar sobre si mesmo? (a imagem de um leitor proficiente, que leu a obra com atenção, e compreendeu o texto original e de quem soube traçar um olhar crítico sobre a obra).
- 4- O seu texto aborda as informações que o autor trata como sendo as mais relevantes?
- 5- O seu texto trata dos elementos essenciais para a estruturação da resenha? (dados sobre o autor; conhecimento do autor em relação ao assunto; a adequação da linguagem empregada no texto para o público-alvo; a organização geral do texto; os elementos lingüísticos que o autor utiliza para construir sua argumentação). Você procurou ser polido em suas críticas?
- 6- Você utilizou adjetivos e substantivos adequados para expressar sua opinião sobre a obra em foco?
- 7- Você empregou verbos apropriados para traduzir os atos realizados pelo autor?

- 8- Confira se o seu texto não apresenta problemas de pontuação, concordância, regência, organização sintática, ortografia etc.
- 9- Troque sua resenha com a de um colega. Cada um deve avaliar a resenha do outro de acordo com as observações que apresentamos nesta unidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. (2002). *NBR6023: Informação e documentação – referências – elaboração*. Rio de Janeiro.
- LEITE, Marli Quadros. (2006). *Resumo*. São Paulo: Paulistana. (Col. Aprenda a Fazer).
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane G.; ABREU-TARDELLI, Lília S. (2004). *Resenha: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*. Vol. 2. São Paulo: Parábola.
- MEDEIROS, João Bosco. (1991). *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas.
- RODRIGUES, André F. (2004). *Como elaborar referência bibliográfica*. 2. ed. São Paulo: Humanitas.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. (2000). *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez.

## Fontes

- CURY, José João. (2003). O teatro de Oswald de Andrade – ideologia, intertextualidade e escritura. São Paulo: Annablume. Resenha de: GUIMARÃES, Elisa (2005), Revista *Linha d'Água*, São Paulo: Humanitas, 17: 181-183.
- LAFETÁ, João Luiz. (2000). 1930 – O Modernismo e a Crítica. São Paulo: Editora 34. Resenha de: CANDIDO, Antonio (2000), *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. Jornal de Resenhas.
- MUNERATTO, Bruno Gustavo et al. (2005). Resenha acadêmica. Daniel Valle Ribeiro - A cristandade do Ocidente Medieval: uma leitura dos alunos da graduação. In: ANDRADE, Ruy de Oliveira (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média*: Estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro. São Paulo: Editora Solis, p. 591-593.
- REVISTA *Veja*. (2005). *Conflitos internos* (DVD), 17 ago.
- REVISTA *Veja*. (2005). *Tudo o que o tempo me deixou* (Discos), 17 ago.
- RÜDIGER, Francisco. (2003). Elementos para a crítica da cibercultura. São Paulo: Hacker. Resenha de: FREDERICO, Celso (2003), *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. Jornal de Resenhas.
- TEIXEIRA, Jerônimo. (2005). O retrato da ditadura por Milton Hatoum não tem a força de seus romances anteriores. Revista *Veja*, 15 ago.
- TERÇA Insana. (2006). Disponível em <http://www.guiadasemana.com.br>. Acesso em 03 abr.
- VELLOSO, Beatriz. (2005). Amargura fulminante. Revista *Época*. 15 ago.
- \_\_\_\_\_. (2006). Vale o preço da pipoca. Revista *Época*. 20 mar.